

Ele abandonou o violão pelo teatro musicado, prefere a solidão, confessa ter

pavor de entrar no palco e nega ser gênio ou ídolo das multidões

# Chico Buarque

## “Eu agora estou em mutação”

Reportagem de Marly Schall

HÁ uma grande diferença entre o Chico de 1966 — quando a *Banda* estourou no Festival de Música da TV Record — e o Chico de hoje, mais maduro, aberto com a imprensa e o público e até “menos empolgado com a música”, como ele mesmo confessa. Daquele tipo de menino aparentemente tímido ou superdesprotegido resta muito pouco. Agora ele faz questão de afirmar estar consciente de sua idade — 35 anos — e que, fora de seu trabalho, “onde curte a solidão”, gosta de ser amigo dos amigos, jogar futebol e principalmente ser o chefe de família que é, formação talvez herdada da tradicional família dos Buarque de Holanda. Por isso é natural que chegasse às 9 horas da noite no estúdio para gravar sua *Ópera do Malandro* acompanhado das duas filhas — Sílvia e Helena — porque “não temos babá para tomar conta delas, Marieta está trabalhando na peça *Sinal de Vida*, e, além disso, elas gostam de ver o pai trabalhando”.

Chico Buarque de Holanda não faz rodeios para ser entrevistado. Senta-se de modo informal na escadaria da gravadora, ao lado das dezenas de *discos de ouro* pendurados na parede. Entre nós apenas uma garrafa de uísque e dois copos de plástico, enquanto as filhas vão ao estúdio conversar com a amiga Gal e o pessoal da mixagem. Ele explica logo o que está fazendo e o que está mudando.

“Eu continuo gostando do violão, mas gostaria de tocar outros instrumentos, além do violão. Já tinha tentado a flauta e acabei achando que a clarineta convinha mais para mim. Além disso, a clarineta é um passo para o sax também — só que ultimamente abandonei um pouco a clarineta e os estudos porque o pessoal, ou as más-línguas, estavam me chamando de Caim Ferreira por causa do nosso grande clarinetista Abel Ferreira. Apareceram também outros problemas provocando crises sérias lá em casa, como a empregada, que ameaçou ir embora, e o cachorro, que morreu.”

De todos os seus trabalhos, como compositor, autor de livro, peças de teatro, trilhas sonoras para filmes e peças de outros autores, cantor, artista de filme e instrumentista, o que ele mais gosta é de fazer teatro.

“Trabalho no teatro desde o princípio de minha carreira. Aliás, no começo como músico de teatro e depois fazendo teatro também, por-

que no meu trabalho as coisas se complementam. Fazer música simplesmente, confesso, não preenche o meu tempo. Acho isso um trabalho ocasional, que acontece ou não, principalmente se a gente está parado. No teatro não, a gente trabalha mais, é estimulante e ajuda a compor músicas porque eu só faço o teatro musicado e ele *chama* pelo compositor. É verdade que o disco ou a música chega mais ao público, especialmente no Brasil, porque temos um teatro de elite. É um sucesso quando conseguimos levar 200 ou 300 mil pessoas para uma temporada, isto é fácil em matéria de música. Claro que aí há a força da divulgação dos discos.”

Chico tem o maior prazer de falar nas suas peças, principalmente na sua *cocotinha*, a *Ópera do Malandro*, que começou a ser reencenada em São Paulo. Fala ainda sobre o disco com o mesmo título, incluindo as duas versões musicais da peça.

“O disco *Ópera do Malandro* não é a repetição de gravações já conhecidas, como alguns pensam. O LP tem todas as músicas da montagem no Rio e as da peça encenada em São Paulo, que conta com duas canções novas: ao todo, 17. As cinco já gravadas por outros cantores e conhecidas do público, como *Teresinha*, cantada por Bethânia, está gravada agora pela Zizi



Vic Parisi

Possi. *Folhetim*, conhecida com Gal, está na voz de Nara Leão e há a *Homenagem ao Malandro*, gravada por Moreira da Silva. Por isso é um disco novo, um trabalho novo — também no teatro. Eu mexi no texto para ser remontado.”

Chico fala das adaptações feitas para montar no Rio a sua *Ópera*. Explica que o texto era de cinco horas e, após uma série de cortes, acabou reduzido para três, ficando, assim mesmo, muito longo.

“Os cortes ficaram, então, um pouco desiguais porque foram feitos de última hora. Agora, ao partirmos para remontá-la, consegui dedicar um bom tempo para refazer também o texto, inclusive com a ajuda do pessoal que a dirigiu no Rio. Não havia graça repetir a peça. Não tenho prazer em repetir as coisas. Em São Paulo, além de nova readaptação do texto, a peça dura menos de duas horas e conta com a presença de Marlene, como uma das protagonistas.”

Chico não faz questão de aparecer como ídolo, como tímido, nem artista de sucesso. É contra endeusamentos e mitificações.

“Olha, eu não sou tímido, nunca fui tímido, mas é claro que agora, com 35 anos, estou mais seguro do que antes, quando tinha 21 anos. Eles confundem timidez com o pavor que tenho do palco. E não sou mito coisa nenhuma, ou pelo menos não me comporto como tal. Não uso roupas especiais, mas tenho também admiração pelos artistas que são artistas o dia todo. Não sou artista de palco. É uma questão de comportamento. O do Canecão foi o meu último *show* — e lá já se vão quatro anos. Outro dia, estive ouvindo um disco que a Nara está regravando com músicas minhas antigas. Fiz toda uma revisão desse meu trabalho e tive realmente uma ótica bastante crítica de tudo. Me senti garoto fazendo música. Um negócio incrível. Creio que em dez anos, quando olhar o que estou fazendo hoje, vou sentir a mesma coisa.”

NO entanto, Chico não é uma pessoa que se sente velha, ultrapassada ou coisa parecida. Ele está sempre em mutação e avaliando seus trabalhos e o seu próprio comportamento.

“Eu passo a maior parte do tempo só. É só que eu trabalho e é só que eu componho. Essa solidão não é angustiante porque é matéria-prima para o meu trabalho. Nada de pensar que sou gênio. Pode ser que eu tenha uma parte de mim não revelada, mas é melhor não revelar. É capaz de estar mudando realmente em termos físicos porque já não sinto aquele *pique* de ficar fazendo música o dia todo, como antes. Não tenho mais nem vontade de pegar no violão. Então eu me pergunto o que fazer. Ou trabalho fazendo texto de teatro ou não, ou faço parceria. Letras minhas em músicas de outras pessoas. Isto também não significa estar me atualizando. Estou é me virando. Eu comecei a aceitar parceria desde 1966, quando iniciei minha carreira. Musiquei *Vida e Morte Severina*, de João Cabral de Melo Neto, logo no início de minha vida de compositor. Isto é muito natural e não vejo por que as pessoas às vezes cobram mais e mais da gente.”

SEGUE



Luiz Palma

Aos 35 anos, Chico Buarque afirma ter mudado muito. Agora sua meta é o teatro bem trabalhado. A *Ópera do Malandro* teve em São Paulo uma nova versão, a fim de afinar o espetáculo com novas canções e modificações do roteiro.





Toca-Fitas/FM Estéreo  
OM-OC (ACS-M31)

Auto-Rádio FM Estéreo  
OM-OC (ARS-M31)

## qualidade estéreo acima de tudo.

Além do melhor som estéreo, o Toca-Fitas e o Auto-Rádio FM Estéreo Motorradio têm o melhor som em ondas médias e curtas. E você ouve toda a escala de graves e agudos, graças ao exclusivo sistema de Oto-compensação. Acima de tudo também, a tecnologia é da própria Motorradio: você não depende de nenhuma peça importada e tem fácil assistência técnica em todo o Brasil.



INDÚSTRIA GENUINAMENTE BRASILEIRA



“Faço música para os grandes centros. No Nordeste ou no Sul do Brasil eu não existo”

ENTRE goles de uísque e baforadas de cigarro, Chico fala dos problemas de um compositor, principalmente sobre o plágio ou a compra de músicas.

“Alguém pode até dizer que Noel comprou música, mas eu não acredito. Sei que muitos compositores fizeram isso. Há, inclusive, depoimentos de diversos compositores famosos sobre o assunto, como Ismael Silva, por exemplo. Ele vendia música, outros a compravam. Normalmente, vendia-se música no morro como se vendia qualquer coisa. Agora, acho um pouco mais difícil. No entanto, pode existir, como também pode haver o plágio: proposital ou ocasional. O compositor está com a melodia no ouvido e pensa que fez a tal música. De repente, descobre que a música é parecida com outra. Isto acontece. Uma canção guardada no subconsciente, que a gente repete, depois ouve e percebe que ela já existia. Isso aconteceu comigo, inclusive, embora eu não tenha gravado nada assim. É só a gente parar um pouquinho e descobre compassos ou melodias quase iguais em muita coisa. E haja inspiração!”

Projetos incluindo o lançamento de *Ópera do Malandro* e viagens são as metas de Chico Buarque para este final de ano e início do próximo.

“Eu não tenho planos a longo prazo. Dei muito de mim no meu disco e acompanhamento, na medida do possível, a peça estreada em São Paulo. Tenho projetos de um filme musical do diretor italiano Gianni Amicco e trabalhar com Rui Guerra na remontagem da peça *Calabar* e do filme com o mesmo nome. E há outro projeto: viajar com um grupo grande a Angola. Mas com o falecimento de Agostinho Neto a viagem teve de ser adiada. Era para novembro e agora não sabemos quando será. No meio de tudo que já estou fazendo, preciso encontrar tempo para ir a Angola. Mas não irei só por uma questão de mercado, acho que já é hora — inclusive até tarde — de estreitarmos relações com os países africanos de língua portuguesa pois eles têm muitas afinidades culturais conosco. Há necessidade de maior intercâmbio artístico e isto também em relação à América Latina. Em Cuba, por exemplo, sei que o Néelson Ned, um sucesso, é o cantor mais conhecido. Roberto também, embora o Néelson seja mais popular em toda a América Latina.”

Chico, no entanto, acha seu público bastante específico. “Faço música para grandes centros. No Nordeste ou no Sul talvez eu não exista. Pode ser que haja dois Brasis e eu não posso dizer que este Brasil que me conhece seja melhor ou pior.” Chico, realmente, é outro e sabe que os tempos, como ele, mudam. “Estou me virando, estou em mutação, esta é a verdade.”